

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Jornal de Brasília Class.: 04
 Data 20/02/92 Pg.: _____

ECO-92

Guerreiros constroem o Rio a Kari-Oca

Comitê pelos 500 Anos de Resistência Indígena prepara a aldeia para a voz da terra e busca apoio também da ONU

GERALDINHO VIEIRA

Começa amanhã a construção da aldeia Kari-Oca, uma réplica das aldeias tradicionais dos índios brasileiros, em Jacarepaguá, Rio de Janeiro, que vai servir de sede para a Conferência dos Povos Indígenas sobre Território, Meio Ambiente e Desenvolvimento e para o Parlamento da Terra. O primeiro evento acontecerá 10 dias antes do início da Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio-92. O segundo será paralelo ao principal e deverá receber visitas de gente como Dalai Lama e Maurício Strong, secretário da ECO-92.

Para erguer a Kari-Oca, 60 índios Kalapalo, Kadiweu, Kuikuro, Nafuquá, Aueti, Kamaiurá, Matitu, Mehinaku, Waurá, Iawalapiti e Trunai já estão acampados na colônia psiquiátrica Juliano Moreira. São todos índios guerreiros escolhidos pela experiência nas construções das habitações indígenas. Serão grandes ocas, do estilo tucano, que servirão para as reuniões plenárias entre representantes indígenas do mundo inteiro.

A madeira é especial e foi colhida pelos próprios índios no Xingu. Ela será molhada, e depois abençoada em cerimônia liderada por um pajé, e sua casca será retirada, para que o cipó sirva como amarração das toras. Os índios terão apenas 60 dias para terminar os trabalhos.

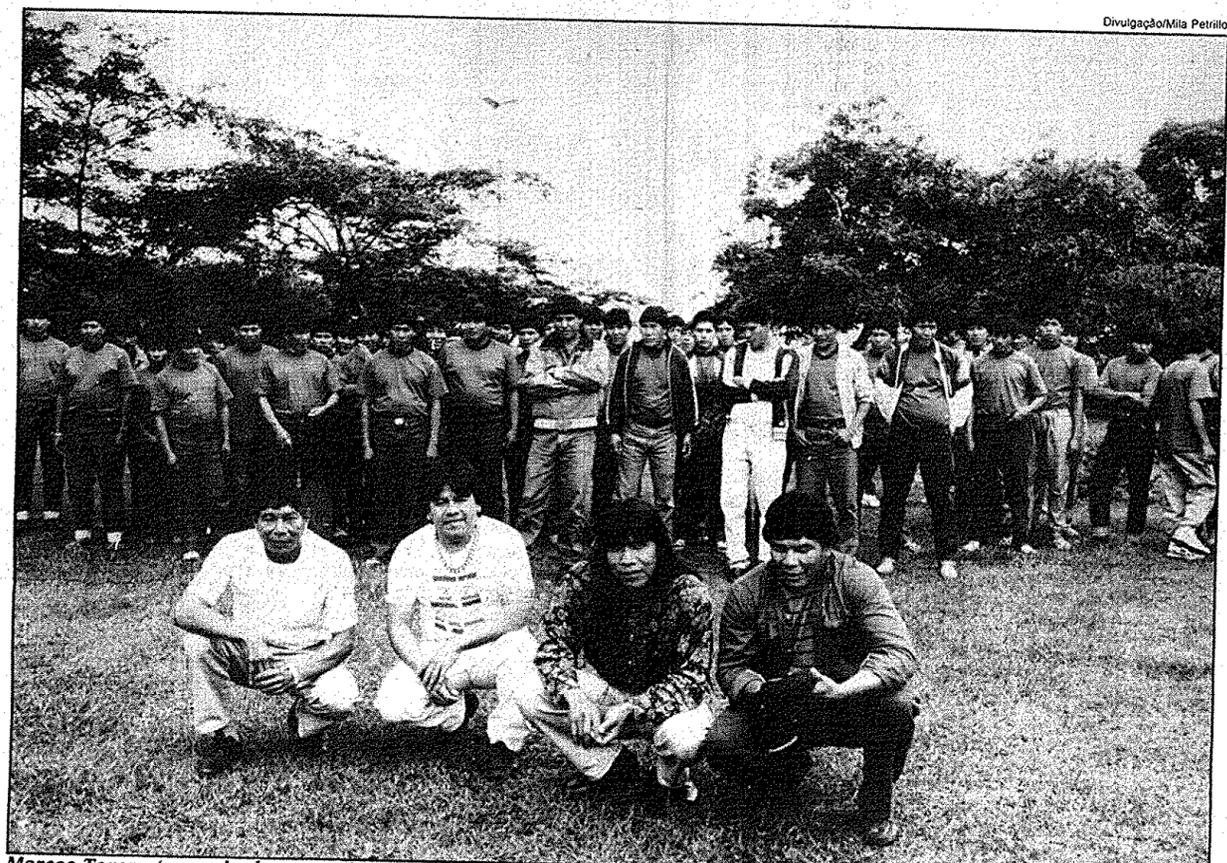
Enquanto isso, um outro grupo de 10 índios está arrumando as malas para uma viagem a Nova Iorque, na primeira semana de março. Eles irão participar de uma assembleia na ONU, dando início à participação indígena na discussão de uma política mais inteligente da preservação do meio ambiente. Marcos Terena, coordenador do Comitê pelos 500 Anos de Resistência Indígena, será um deles. Aqui, ele diz o que irão levar às Nações Unidas e o que pretendem mostrar durante a Rio-92.

Jornal de Brasília — Dois passos estão sendo dados para a participação indígena na ECO-92. Um deles é a viagem de um grupo a Nova Iorque. Quem são e o que vão fazer lá?

Marcos Terena — As duas iniciativas fazem parte de uma coisa só que é a participação do Comitê pelos 500 Anos de Resistência Indígena em todo o complexo da Conferência Mundial dos Povos Indígenas, na Rio-92. Esta delegação de 10 índios brasileiros foi proposta pelo Comitê ao Secretariado das Nações Unidas e foi aceita. Indicamos índios do norte ao sul do País, para mostrar que o Brasil não é só Amazônia, porque tem vários ecossistemas e este é um fator que o mundo lá fora desconhece. De certa forma, estes índios irão representar isto e tentar mostrar as diversas caras que os povos indígenas têm. Um exemplo, a mulher indígena. Vamos levar uma índia Kaiapó, que é zia do líder Paicã, de nome Yrepã, para mostrar a mulher guerreira indígena, do Pará, de uma região tipicamente amazônica. Ao mesmo tempo, vamos levar também uma mulher do sul do Brasil, de um povo chamado Kaimã, uma jovem que se formou recentemente em Sociologia, que vai não somente representar, mas também discutir os diversos temas que são de interesse do Comitê e das questões indígenas de forma geral. Há também líderes, verdadeiros chefes, como Raoni Txucarramãe, Arizana Yawalapiti, Paulinho Paicã, Megaron Txucarramãe, que formam um quadro cultural. Também estamos levando um líder espiritual, o mais representativo do Brasil, o Sapaim Kamaiurá, para que ele possa realizar na ONU, junto com os índios que estarão nesta última preparatória para a Rio-92, uma cerimônia mostrando como o índio se relaciona, do ponto de vista espiritual, com o meio ambiente.

— Este evento na ONU vai ser um encontro apenas de grupos indígenas?

— Estarão lá os vários representantes diplomáticos dos vários países envolvidos nas Nações Unidas, em reunião oficial durante 30 dias. Tratamos de nos organizar, todos os índios do Brasil, da América, da Oceania e até mesmo da Ásia. A gente está propondo que, nesta última preparação, o Maurício Strong, secretário da Conferência Rio-92, dedique quatro dias, destes 30, exclusivamente aos povos indígenas, para que possam influir nas decisões de Governo e nas recomendações finais da ONU no que se refere à sobrevivência dos povos indígenas — inclusive algumas recomendações da experiência do índio no manejo da natureza, que podem ser muito úteis ao homem urbano. Nesta equipe de dez índios, devem ir três que farão exposição técnica de toda sua experiência no manejo auto-sustentável, principalmente,



Marcos Terena (segundo da esquerda para a direita) e os índios guerreiros que farão a Kari-Oca: 60 dias para montar a aldeia

Não vamos lá apenas fazer uma cerimônia, apenas mostrar nossa cultura. Vamos também discutir o futuro dos povos indígenas e, consequentemente, o futuro do planeta.

— Há sempre o risco de um encontro ecológico cair todo ou parcialmente no caráter folclórico.

— A gente trabalha sempre com a hipótese de não cair no erro folclórico, principalmente porque este é o ano em que se comemoram os 500 anos de América. Para chegar nestes 10 nomes, para a reunião preparatória de Nova Iorque, tivemos várias preparatórias, estudamos com várias lideranças as tendências para a Rio-92, que basicamente vai ser uma troca protocolar, mas sempre fundamentada nos interesses econômicos. Ou seja, mais uma vez o tema ecológico está sendo uma capa para os verdadeiros interesses do relacionamento entre os países do Primeiro com os do

Terceiro Mundo. Para a preservação ambiental não se deveria rebuscar nada, inventar nada, apenas observar as práticas milenares dos povos indígenas e dos povos tradicionais, reconhecer que estas práticas são úteis ao sistema que eles estão buscando, práticas que vão desde a despoluição do ar e da água até a questão da camada de Ozônio. Os povos indígenas têm esta experiência para oferecer ao mundo moderno. Por isto, a gente vai fazer esta reunião preparatória, para mostrar ao mundo do ano 2000 que temos muitas coisas que ficaram escondidas, silenciadas ao longo destes 500 anos, e que podem influir no futuro das gerações que estão por vir.

— Quantas toneladas de madeira chegaram do Alto Xingu ao Rio?

— Foram dois caminhões carregueiros grandes, com madeiras, cipim e cordas que não existem no Rio de Janeiro. Ou melhor, existem, mas em pequena quantidade. Para evitar danos ao meio ambiente do Rio de Janeiro, buscamos numa área onde temos isto em abundância, mesmo que tenha ficado um pouco mais caro. Vamos fazer a aldeia da forma mais tradicional possível. Este é o grande recado que nós queremos dar durante a Rio-92. Construir uma aldeia em pleno Rio de Janeiro não significa folclorizar a participação dos índios neste processo. Ao contrário: queremos mostrar a nossa engenharia, mostrar que ela leva em consideração uma coisa que a maior parte das engenharias habitacionais das cidades não leva, que é o bem-estar de quem habita nestas casas.

— E a Plenária?

— O Comitê Intertribal analisou todo o processo da ECO-92, desde o ponto de vista oficial até a visão das organizações não-governamentais. Em nenhum deles, de início, os povos indígenas estavam contemplados como nós gostaríamos de estar. Por isso, criamos nossa própria organização e nossa própria plenária, nosso espaço de voz para o mundo, que é este parque-indígena Kari-Oca. Inclusive porque, na Rio-92, os temas vão estar tão dispersos... e nós queremos uma coisa mais compacta, para ser mais homogênea e ser melhor compreendida por países do mundo todo, porque pretendemos reunir 800 índios representantes de todo o mundo.

— Que temas vocês irão colocar e que não viram na discussão genérica da ECO-92?

— Vamos separar em subtemas. O subtítulo é Conferência Nacional dos Povos Indígenas sobre Território, Meio Ambiente e Desenvolvimento. Temos um índio do povo Pareci que está neste momento na Malásia discutindo conservação da natureza e sua utilização de maneira não-agressiva. Ele está preparando os outros índios para eles não chegarem ao Brasil fora de sintonia. Nossa conferência vai acontecer dez dias antes da conferência oficial, para que a gente tenha tempo de discutir, de tirar uma carta indi-

gena para ser lida durante a conferência oficial perante os chefes de estado. Esta carta deverá ter recomendações práticas que os países devem adotar para ajudar na recuperação daquilo que já foi destruído pelo homem em diversos pontos do mundo. Uma questão das mais polêmicas, além da territorial, é a que toca na preservação do meio ambiente. Você tem que ter espaço para fazer isso. Nós não concordamos com a ideia de que se deve criar várias reservas ecológicas para melhorar o clima do mundo. Isto não é suficiente para melhorar a vida do homem. O mundo hoje não vive só de natureza: os governos precisam de planos que contemplem o meio ambiente e o bem-estar das pessoas. O que nós estamos vendo nos diversos projetos é que sempre o argumento da ecologia é usado apenas como mecanismo para a captação de recursos, conforme aconteceu no Brasil com a colonização da Amazônia. Vários

pobre. Então, na questão dos Yanomamis, se fala muito que cercando os nove milhões de hectares você vai impedir o crescimento de Roraima. A gente acha que, para que Roraima cresça, os índios também precisam crescer. Um dos pontos que vamos discutir na Conferência dos Povos Indígenas é justamente o que significa riqueza, o que significa desenvolvimento. Porque a experiência que foi aplicada até então é um grande avanço em cima das terras indígenas, uma tomada das terras dos índios, com argumentos de riqueza e desenvolvimento. O índio, na verdade, sempre foi uma pessoa rica, porque ele nunca passou fome, nunca passou por problemas sociais. Quando discutirmos isto baseados na experiência indígena, a gente quer mostrar aos chefes de nações o que podem fazer para não tornar seu povo miserável. Até chegar num ponto chamado soberania, que é a relação entre os povos. Os índios nunca invadiram uma terra de fazendeiro, nunca quiseram tomar cidades que estão em locais que antes eram deles, como o Rio de Janeiro. Mas a gente quer mostrar aos grandes países que se colocam como donos do mundo, que eles devem respeitar qualquer país pequeno, porque cada um tem sua história, seu povo, sua maneira de viver, mesmo que isto entre em choque com os interesses deles.

— E quanto à Kari-Oca?

— Nós ficamos com a responsabilidade de erguer o complexo e a Prefeitura do Rio e a Presidência da República ficaram encarregadas de dar luz elétrica, segurança, posto médico, heliporto, sanitários, etc. Nós vamos fazer a nossa parte, porque nunca mentimos para o branco em todos estes anos de relação.

"Não vamos a Nova Iorque só para fazer uma cerimônia e mostrar a nossa cultura. Vamos também discutir o futuro dos povos indígenas e deste planeta"

"Construir uma aldeia no Rio não significa fazer folclore. Queremos mostrar a nossa engenharia, que se preocupa com o bem-estar de quem habita nesta construção"

poderosos puderam comprar imensos territórios sem nunca terem pisado lá, com incentivo de setores do próprio Governo e com patrocínio de bancos estrangeiros. Nós sabemos o que significa conviver e tirar da natureza o bem-estar. Tem muitos técnicos, projetos que vão ser apresentados em nome da defesa da ecologia, mas uma ecologia que enxerga apenas as árvores, os matos, os animais, mas não vê a possibilidade de os homens viverem nestes lugares.

— Até que ponto é possível ocupar inteligentemente a região amazônica?

— Esta experiência já foi tentada em Rondônia, com patrocínio do Banco Mundial, para a construção da estrada 364. E o que a gente observou é que houve uma grande devastação dos matos para aparecerem plantações de soja e criações de gado. Em nenhum momento se contemplou a neutralidade... Só os donos destes projetos. Agora, na questão da Amazônia, nós achamos que deve-se tentar um plano de utilização das riquezas, mas que isto não seja decidido apenas pelos militares, por exemplo, ou pelos governos, só pelos interesses políticos. O Amazonas é um estado muito rico do ponto de vista ecológico, mas sua população é basicamente